

~~1858~~ ~~1858~~ n.º 3
ARCHIVO THEATRAL.

2

O

MARIDO APOQUENTADO

COMEDIA EM 1 ACTO

IMITAÇÃO.

Rio de Janeiro.

À VENDA EM CASA DE
A. J. FERREIRA DA SILVA, RUA DA QUITANDA N. 190.
1858

RIO DE JANEIRO. -- TYP. DE JOÃO XAVIER DE SOUZA MENEZES,
Rua do Cano n. 165.



12752 AA
1950

16-1-950

PERSONAGENS.

PEDRO DA SERRA, advogado, 35 annos.

JORGE DA SILVA, seu primo e seu escrevente, 25 annos.

PINTO CRAVO, advogado, 50 annos.

JOÃO, criado de Pedro da Serra.

CAROLINA, mulher de Pedro da Serra.

AMALIA, viuva e amiga de Carolina, 24 annos.

A acção passa-se em Lisboa, em casa de Pedro da Serra.

MARIDO APOQUENTADO



O theatro representa um salão pequeno; duas portas ao fundo, portas lateraes. Ao fundo, no meio, um espelho com chaminé; no segundo plano, á esquerda, uma janella que deita para o jardim; no primeiro plano, á esquerda, um piano com musica em cima; á direita, uma mesa de costura, uma secretaria com livros, cadeiras, canapé, etc.

SCENA I.

PEDRO DA SERRA E JOÃO.

PEDRO.

(Esta diante de um espelho que está á esquerda em cima do piano; está acabando de se vestir. — João apresenta-lhe uma gravata.) Não quero essa, a outra, a velha.

JOÃO.

(Dando-lhe outra gravata.) Aqui está.

PEDRO.

(Olhando para a gravata. — A parte.) E Jesus! está noventa!... mas não ha remedio.

JOÃO.

(Dando-lhe uma casaca.) Aqui está a sua casaca.

PEDRO.

Com todos os diabos! não quero essa, a outra, a velha!... Oh! que nada ha mais insupportavel do que é um criado novo! é preciso estar-lhe a dizer tudo.

JOÃO.

O senhor nunca veste o seu fato novo?

PEDRO.

Ora, eu tenho que lhe dar satisfações disso... olhe que você... você...

JOÃO.

Perdõe, patrão!

PEDRO.

Estou prompto... estou muito decente para fazer visitas.

JOÃO.

A senhora tambem sahe?

PEDRO.

Não; dá-me o meu chapéo.

JOÃO.

O velho?

PEDRO.

Já se vê.

JOÃO.

Faz scismar que o senhor só se veste assim tão ratão quando não sahe com a senhora.

PEDRO.

Está bom, senhor, pouca confiança. (*Muito alto.*) Eu gosto de sabir assim vestido deste modo, tenho vontade minha, posso fazer o que quizer. (*Parando de repente e olhando para a direita.—A' parte.*) E Jesus! o que ia eu fazendo...

JOÃO.

Quer-me mais alguma cousa?

PEDRO.

Vai-te; espera, vai sellar o cavallo.

JOÃO.

Sim, senhor. (*A' parte.*) Que homem tão exquisito!
(*Alto.*) Vou sellar o cavallo branco?

PEDRO.

Não, homem, não, o velho. Ora!... ora! querias que com este lato sahisse no branco? E' preciso que tudo seja igual.

JOÃO.

Tem razão; mas olhe, antes então sahisse na burra.

PEDRO.

Na burra?

JOÃO.

Sim, na burra: é preta... diz com o fato... é velha...

PEDRO.

Mas pertence ao genero feminino, e podia ser que minha mulher... (*Para o criado.*) Vai-te; espera... põe antes a carroagem, a velha...

JOÃO.

(*A' parte, sahindo.*) Pois a senhora teria ciumes da burra?!... (*Sahe pelo fando esquerdo.*)

SCENA II.

PEDRO DA SERRA, só.

PEDRO.

(*Olhando para o espelho.*) Pobre Pedro da Serra... obrigado a andar vestido neste gosto... E quem tem culpa de tudo isto? Os malditos ciumes de minha mulher. Que uma mulher seja ciosa, tem razão... porque nós temos a alma mais sensível do que ellas... mas, ciosa até certo

ponto... não como minha mulher... que sou obrigado a sahir neste gosto, que quando vou ao theatro está sempre aos beliscões a mim... e ás vezes me obriga a voltar as costas ao espectáculo, e me diz : « contente-se em ouvir, visto que os seus olhos são settas que furão os corações das outras mulheres !!... » Até não tive remedio senão pedir ao Pinto Cravo, que é advogado, que todas as clientes moças que me procurassem as mandaria para elle... e elle me remettede todas as que passassem de 60 annos para cima... tudo por ciumes de minha mulher! Não comprimento senão velhas... e sempre tem ciumes... pobre de mim... Até já me chamão o advogado das velhas... Deixemo-nos de pensar nisso... Ora, onde tenho eu que ir... Ah! á casa do Perdigão, e á casa da Julia Peres, que já tem 80 annos, mas diz sempre que tem 60: abate pouco... conheço algumas que em cada anno diminuem um... por fim, chegão depois de velhas a ser outra vez crianças; mas o peor é o rosto que se não póde mudar... onde estará a minha carteira?... Ah! cá está aberta: já se sabe, foi minha mulher que veio explorar a boceta de Pandora... (*Indo á mesa.*) O que aqui vai de jornaes! (*Pega-lhe ás mãos cheias.*) Portugal está muito rico... em papeis... não me lembrou a mim: se não, tinha feito um predio de jornaes! e mandava-o para a exposição... era mais uma grandeza que apparecia nessa terra de Godmen... Que nome! que nome que eu não alcançaria... mostrava Portugal n'uma casa de papel... Deixemo-nos de cousas tristes, vamos á casa do Perdigão e da Julia Peres. (*Vai para sahir.*)

SCENA III.

PEDRO DA SERRA E JORGE DA SILVA.

JORGE.

(*Entrando precipitadamente pelo fundo, á direita.*) Ah! ainda não sabistes? Ainda bem.

PEDRO.

Não sahi, mas vou já sahir.

JORGE.

Primeiro é preciso que te eu falle.

PEDRO.

Sr. Jorge da Silva, olhe que agora não são horas de tratar de negocios do cartorio.

JORGE.

Quem falla aqui em cartorio? Trata-se, mas é de outro negocio, um negocio do coração.

PEDRO.

Que tenho eu com isso? Adeos, meu amigo.

JORGE.

Primo, você não deve tratar assim seu primo.

PEDRO.

E você deve-me ter mais respeito: eu sou seu superior, porque você é escrevente, e eu sou advogado.

JORGE.

E eu sou seu primo, e você é meu primo.

PEDRO.

Isso sei eu; mas não são agora horas de tratar de negocios de qualidade alguma; é já tarde, e tenho que sahir.

JORGE.

Primo! mas se eu estou louco de amores.

PEDRO.

Chiti... cala-te.

JORGE.

Sim, louco de amores por Amalia.

PEDRO.

Cala-te por amor de Deos! olha que me compromettes.

JORGE.

Tu conheces perfeitamente a Amalia Sapho, a amiga de tua mulher !... aquella rapariga viuva tão encantadora... tão...

PEDRO.

(*Atrapalhado.*) Agarro-te pelas pernas, e atiro-te por aquella janella, se tornas aqui a fallar em mulheres.

JORGE.

(*Muito devagarinho.*) Se tu soubesses, primo, os frios que eu rapo quando estou copiando o seu processo...

PEDRO.

O seu processo ?... qual processo ?... eu ainda não dei por esse processo no meu cartorio.

JORGE.

Um processo que ella tem contra um primo de seu defunto marido.

PEDRO.

Oh! desalmado primo ! pois eu não te disse que remetesses esse negocio para o Pinto Cravo ?

JORGE.

Tinhas-me dito, é verdade... mas, como era cousa della, estimei mais encarregar-me disso.

PEDRO.

Primo deshumano, tu queres comprometter-me até ás unhas dos pés! pois tu não sabes que Amalia ainda não tem 50 annos ?

JORGE.

Bem sei !... se ella livesse 50 annos, não queria eu casar com ella !...

PEDRO.

Então queres tu ser a serpente da discordia em minha casa ?

JORGE.

Explica-te para eu te entender.

PEDRO.

Pois tu não sabes que minha mulher Carolina é mais ciosa que um tigre de Bengale, e que qualquer cousa para ella é uma bicha de sete cabeças ?

JORGE.

Então ella é ciosa ?

PEDRO.

De tudo, por tudo tem ciumes de todas as mulheres, e de Amalia sobre todas.

JORGE.

Mas que importa isso, se sou eu quem lhe faço a corte?

PEDRO.

Bem sei ; mas que queres tu ?

JORGE.

Ah! primo! se tu soubesses como eu a amo! amo-a mais que a vida !... muito mais !... quando estou folheando o seu processo, parece-me que as folhas se me pegão aos dedos: tudo isto é amor. Ah! primo!... mas eu tambem tenho ciumes... *(Com força.)* Um ciume feroz!

PEDRO.

(Empurrando-o.) Arreda-te para lá depressa.

JORGE.

Esse primo, contra quem ella tem o processo, faz-lhe a corte.

PEDRO.

Oh! que idéa... Olha, vê se casas com ella o mais depressa possível, para ser menos uma de quem minha mulher tenha ciumes.

JORGE.

Quem dera! mas, primeiro, ouve...

PEDRO.

Ora, basta de massada... tenho que sahir... depois fallaremos...

JORGE.

Tu é que devias arranjar esse negocio... dizer-lhe que eu a amo...

PEDRO.

(Insensivelmente.) Que eu a amo... *(Parando com medo.)* Ah! que tu a amas...

JORGE.

(Baixo.) Que morrerei se não sou seu marido.

PEDRO.

Fazes obsequio de fallar mais baixo; se Carolina vem por ali, e ouve, estou arranjadinho.

JORGE.

Com que então advogas a minha causa fallando a Amalia, eim?...

PEDRO.

Mas não grites, falla baixinho.

JORGE.

Não me dirás como diabo queres tu que eu falle?

PEDRO.

De maneira nenhuma, quero que te vás embora.

JORGE.

Ah! primo! primo! não me tens amizade.

PEDRO.

Eu queria ver-te no meu lugar: não posso fallar, não posso dar um passo, sem que Carolina tenha suspeitas: antes queria ser marido de uma panthera.

JORGE.

Pobre primo!

PEDRO.

Se acaso abraço minha mulher, diz-me logo: «o mesmo farás tu ás outras mulheres.» E' verdade que ainda sou rapaz... mas é asneira ter ciumes... queres tu saber outra cousa, primo? Olha que não são só os ciumes que me apoquentão; mas é tambem que, mal me alevanto, acho as ventas entupidas por uma especie de tabaco branco que minha mulher me dá quando estou dormindo, dizendo-me: «isto é para teu bem.» Mas olha que ainda não sei o que é?

JORGE.

Provavelmente ha de ser camphora: isso faz-te bem, primo. (*A' parte.*) Pobre homem! (*Alto.*) Sabes uma cousa para desvanecer os ciumes de tua mulher para com Amalia? Ora ouve: dize tu a tua mulher que eu amo Amalia, e, como é sua amiga, lhe peço que...

PEDRO.

Oh! que excellente idéa! Primo, tu tens cabeça! Ah! mas agora me lembro que mesmo assim ella póde desconfiar; quem sabe lá...

JORGE.

Deixa-te disso; esta noite fallaremos a esse respeito.

PEDRO.

Pois sim; mas cala-te, que ali vem Carolina.

JORGE.

Ah! que amor, primo! que amor que eu lhe tenho!

PEDRO.

Tu o que me pareces é que me queres ver em Rilhafoles.

JORGE.

Pedro, ora essa!

SCENA IV.

OS MESMOS E CAROLINA.

JORGE.

(*Pegando n'uns papeis.*) Ah! cá está o processo de Amalia!

CAROLINA.

(*Chegando-se a seu marido.*) Tu não me tinhas dito, meu amigo, que te tinhas encarregado do processo de Amalia!

PEDRO.

(*Atrapalhado.*) Pois não disse! ora! ora! ora! esta minha cabeça... (*A' parte.*) Isto é para um homem estalar.

JORGE.

(*Tambem atrapalhado.*) O primo não tinha culpa disso... não sabia.

CAROLINA.

(*Com intenção.*) Com que então já seu primo sabe mais desses negocios que o senhor!...

PEDRO.

(*A Carolina.*) Sempre fez hoje um calor!

CAROLINA.

Algum... algum.

JORGE.

Soube-nos tão bem a carapinhada que tomámos...

CAROLINA.

(*Muito depressa.*) Ah! forão tomar carapinhada? sabirão? (*Para o marido.*) O senhor não pôde passar sem refreseos? (*Senta-se n'um canapé.*)

PEDRO.

(*Atrapalhado.*) Eu não te fui dizer, porque... porque...

porque estava com tanto calor... com tanto calor, que só quando acabei é que dei acôrdo de mim: olha que o calor sempre é uma cousa insupportavel! (*A' parte, para seu primo.*) Se tivesse aqui uma pistola, ferrava-te um tiro.

JORGE.

(*A' parte, para elle.*) Perdôa, tens razão, é verdade; mas descuidei-me.

CAROLINA.

Não fallemos mais em calor, que já estou com frio... (*Pega n'uma obra de costura e cose.*) O senhor sahe?...

PEDRO.

Saio, preciso sahir... mas, se tu não queres que saia, não saio.

CAROLINA.

Ora essa! por ventura não és tu senhor das tuas acções... não és livre...

PEDRO.

Bem sei; isso havia de ser bonito, se eu não fosse livre... de fazer os meus negocios; é verdade que nunca saio com prazer senão contigo.

CAROLINA.

Estou te desconhecendo hoje... que tens tu?...

PEDRO.

Eu nada... Estou perfeitamente bom... agora, adeos, querida Carolina... eu pouco me posso demorar... vou á casa do Silva!... tu conheces-lo... o Silva... não conheces?

CAROLINA.

Conheço; mas tu parece-me que disseste que tinhas que ir á casa do Antonio de Lima.

PEDRO.

Hei de lá ir depois.

CAROLINA.

Bem... mas tambem me tinhas dito que só o encontraria em casa ás dez horas... e já é meio dia...

PEDRO.

Ora, quando se diz ás dez, subentende-se ás onze, ao meio dia, á uma hora, ás duas, ás tres... na verdade, com as tuas perguntas fazes-me perder a cabeça...

CAROLINA.

Se tu me amas tanto...

PEDRO.

Se amo !...

CAROLINA.

Mente !...

PEDRO.

Ora essa é que...

CAROLINA.

Cale-se..

PEDRO.

Estou calado. (*á parte.*) Antes viver na roda de Ichion. (*Alto.*) Ouve, Carolina: Jorge e eu queriamos revelar-te um segredo.

CAROLINA.

(*Levantando-se.*) Um segredo teu ?...

PEDRO.

Eu disse—queriamos ; mas queria dizer—elle quer revelar-te um segredo... Jorge está louco de amores! (*Jorge faz um signal de alegria, e faz signaes para Pedro; e Pedro, vendo que Carolina reparou nos signaes de Jorge, diz-lhe :*) Que precisão tens tu de me estares a fazer signaes telegraphicos? (*Carolina sorri-se.*) O que tu queres é que eu diga a Carolina que tu estás namorado da sua amiga Amalia... Não foi isso que me pediste?

JORGE.

Foi...

PEDRO.

Então que precisão ha de estares a fazer signaes telegraphicos... que póde minha mulher ver e persuadir-se que é outra cousa .. aqui não ha nenhum mysterio...

CAROLINA.

E' verdade, meu marido tem razão... estais assim com um ar tão exquisito...

JORGE.

E' porque, minha senhora... não acreditava que meu primo consentiria em dizer-vos... a fallar por minha..... e... a alegria... o...

PEDRO.

(*Mettendo-se no meio.*) Vai-te daqui, escusas de dizer mais asneiras... minha mulher sabe o resto .. sempre são muito acanhados estes namorados !

CAROLINA.

(*Com intenção.*) Nem todos !...

PEDRO.

Nem todos, é justamente o que eu queria dizer... eu pelo menos sempre fui muito acanhado. (*Baixo.*) Vai-te para o diabo !

JORGE.

(*A' parte.*) Se chego a conseguir que ella lhe falle...

CAROLINA.

(*Com um tom singular.*) Fieci certo, Sr. Jorge, que eu fallarei por vós á minha amiga; assim o prometto...

JORGE.

Que bondade! A minha gratidão, minha senhora... será eterna... (*Perturbado pouco a pouco pelo olhar de Carolina.*) Minha prima, com licença...

CAROLINA.

(A' parte.) Ah! as minhas suspeitas vão-se realizando.

PEDRO.

(A' parte.) E Jesus! que olhos que minha mulher me deitou... estou com medo della...

JORGE.

(A' parte.) Carolina está com ciúmes: o melhor é safar-me... *(Alto.)* Até logo. *(Sahc pelo fundo.)*

SCENA V.

PEDRO DA SERRA E CAROLINA.

PEDRO.

Ora, agora, Carolina, já te deves persuadir... que nunca amei Amalia... e que as tuas suspeitas erão injustas!...

CAROLINA.

Mas quem falla agora nisso?...

PEDRO.

Fui eu que te quiz fallar para por uma vez te persuadires que nunca amei outra mulher senão tu... que todos os teus ciúmes são injustos... *(Chorando.)* Sendo tu tão bonita... podia eu amar outra... Tu com os teus ciúmes estás cavando a cova onde hei de dormir para sempre. *(Muito enternecido.)*

CAROLINA.

(Com muito amor.) Pedro da Serra... meu marido!...

PEDRO.

(Abraçando-a.) Ah! sete estrellas!...

CAROLINA.

(Ja com temor.) Oh! se me enganas!...

PEDRO.

Eu enganar-te... És tu que te enganas... Eu só sei amar-te...

CAROLINA.

Estou acreditando-te!

PEDRO.

Acredita-me... acredita-me... porque eu amo-te por cima de tudo... até por cima dos telhados...

CAROLINA.

Tu é que tens a culpa de eu ser ciosa.

PEDRO.

Sim, eu é que sou... está bom, não fallemos mais nisso... tu não tens chale nenhum de inverno, vou te comprar um de cachemira...

CAROLINA.

Compras?

PEDRO.

Já disse que comprava... E, como hoje é a abertura em S. Carlos, vou alugar um camarote para irmos ver o *Hernani*.. depois de termos jantado com o nosso socrego.

CAROLINA.

Perdôa as minhas suspeitas!

PEDRO.

Ah! Carolina! sou o homem mais feliz do mundo... vem aos meus braços! (*Abreço-se.*)

SCENA VI.

OS MESMOS E JOÃO.

JOÃO.

(*Parte.*) Que felizes mortaes!

PEDRO.

(Voltando-se.) Quem te chamou cá?

JOÃO.

Ninguém; mas aqui está o almoço.

PEDRO.

Põe ahí... *(João põe o almoço em cima da mesa.)*

CAROLINA.

Porque não almoçaste comigo?

PEDRO.

Porque... porque... porque mesmo não tinha vontade de comer, e mesmo agora não a tenho.

CAROLINA.

Tambem é já meio dia.

JOÃO.

O patrão é que teve a culpa: disse-me que queria almoçar ao meio dia.

PEDRO.

Pois eu disse-te semelhante cousa, tratante? *(Baixo a João.)* Cala-te.

JOÃO.

(A Pedro, baixo.) Estou calado.

PEDRO.

Vai-te embora.

JOÃO.

Sim, senhor. *(Sai; Carolina senta-se só á mesa, pensativa e triste.)*

SCENA VII.

PEDRO E CAROLINA.

PEDRO.

(A parte.) Agora não tenho remedio senão comer; se

não, minha mulher é capaz de acreditar que vou almoçar á casa de alguma outra mulher: eu não tenho vontade, mas é o mesmo. (*Senta-se junto á mesa.*)

CAROLINA.

(*Seccamente.*) Então, tu não me disseste que não tinhas vontade de comer?

PEDRO.

(*Alguns cousa atrapalhado.*) E' verdade, não tenho; mas, em começando, o appetite vem. (*A' parte.*) Eu hei de ter muita vontade, se já almocei!

CAROLINA.

A estas horas talvez te faça mal: se fosse tu, não almoçava.

PEDRO.

(*A' parte, bebendo custosamente o chá.*) Aquillo diz-me ella para me experimentar. é preciso levar esta cruz ao Calvario. (*Alto para Carolina.*) Estás olhando para este vestuario, não é verdade? eu só me visto com esmero quando saio contigo; apesar de que eu gostava mais...

CAROLINA.

(*Atacando loço.*) Desejavas mais sair janota?

PEDRO.

Não é isso que eu queria dizer... o que eu queria dizer nem já me lembra.

CAROLINA.

Pois eu t'o lembro; não sabes que já não tenho ciúmes, que podes sair vestido como quizeres, e portanto levanta-te, que escusas de estar almoçando sem vontade.

PEDRO.

Almoçando sem vontade... eu, que estou com uma fome devoradora.

PINTO.

(Fôra) Está bem! ainda não sahiu! muito obrigado.

PEDRO.

Ah! é o Pinto Cravo.

SCENA VIII.

OS MESMOS E PINTO CRAVO.

PINTO.

(Entrando.) Pedro da Serra... *(Comprimentando-o.)* Minha senhora... *(A Pedro.)* O que! pois tu almoçaste em casa? tinhas combinado comigo para irmos almoçar á casa do...

CAROLINA.

(Vivamente.) A' casa de quem?

PINTO.

A' casa do Theotonio de Araujo.

PEDRO.

Então, não me esqueci inteiramente do Theotonio de Araujo? ora esta! *(A Carolina que está olhando para elle.)* Palavra de honra, que me esqueci de lo dizer. *(A parte.)* Antes me queria ver na caverna de Elau-o-Titi. *(Alto, para Pinto.)* Queres tomar um copo de vinho do Porto?

PINTO.

Isso não se recusa.

PEDRO.

(A' sua mulher que está muito serua.) Não te parece um homem cá dosimeus? olha para aquelle vestuario: casaca preta, gravata branca... é um homem com quem se póde andar.

PINTO.

Ora, sempre te quero contar uma cousa...

PEDRO.

Vens impingir-me alguma historia das tuas: não estou hoje para te aturar.

PINTO.

E' ainda uma nova aventura do nosso Theotonio de Araujo.

PEDRO.

Então que foi ?

PINTO.

Imagina, meu amigo. Ah ! ah ! ah !

PEDRO.

Ah ! ah ! ah ! mas faze o favor de acabar. (*Batendo no hombro de Pinto.*) Ha de ser boa. (*A Carolina.*) Ora ouve bem a historia do nosso Theotonio de Araujo.

PINTO.

Sabes que sua mulher é uma ciumenta terrivel, uma cousa ainda não vista.

CAROLINA.

Com que então ?...

PINTO.

E' insupportavel.

PEDRO.

(*Tossindo.*) Haf ! haf ! haf !

PINTO.

Agora me lembro: a senhora não é ciosa ?

CAROLINA.

(*Vivamente.*) Eu ? ora essa !...

PEDRO.

Quem ? minha mulher ? ora essa ! tu não querias sahir ?

CAROLINA.

Espera um pouco. (*A Pinto.*) Continuai !

PEDRO.

(*A' parte.*) Vai dizer alguma asneira.

PINTO.

Ora, esse pobre Araujo... querem saber o que elle faz para evitar as suspeitas de sua mulher?

CAROLINA.

Quero.

PEDRO.

Tu não querias sahir?

PINTO.

Pois ouvi. Ah! ah! ah! veste-se em casa como um remendão: gravata sebenta, casaca sem nome, chapéo impossivel, botas rotas, luvas sem côr; depois entra na sua carruagem vestido de remendão; mas sabe della um janota completo: fraque, botas de polimento, luva branca a estalar... tem um gabinete de vestir dentro da sua carruagem. Ah! ah! ah!....

PEDRO.

(*Rindo tambem, mas olhando para sua mulher com muito medo.*) Ah! ah! ah!

CAROLINA.

(*A' parte, olhando para seu marido.*) Sempre é bom saber.

PEDRO.

(*A' parte.*) Minha mulher está muito séria a olhar para mim. (*Alto.*) Meu amigo, peço-te perdão; mas é preciso que eu te deixe.

PINTO.

Eu tambem saio contigo; mas, antes de ir á casa do Theotonio, hei de ir primeiro a S. Carlos alugar um camarote para Amalia.

CAROLINA.

(*Vicemente.*) Ah! Amalia vai hoje a S. Carlos?

PEDRO.

Nós também vamos.

CAROLINA.

(Com intenção.) Que feliz acaso ! meu marido quer justamente hoje lá levar-me.

PINTO.

Lá nos encontraremos.

PEDRO.

(A' parte.) Decididamente tiro a lingua a este maroto !

JOÃO.

(Entrando vestido de lacaio.) Senhor, a carruagem está prompta.

PEDRO.

Já vou. *(Parando e olhando para sua mulher.)* Ouve cá. *(A' parte.)* Minha mulher é capaz de se persuadir que eu também tenho um gabinete particular na minha carruagem, e então não ha remedio senão ir a pé; os diabos levem aquella maldita historia! *(Alto.)* Recolhe a carruagem, que eu saio a pé.

JOÃO.

Ah! *(A' parte.)* Não vale a pena de ter carruagem.

PINTO.

(Comprimentando.) Minha senhora...

PEDRO.

Eu não me demoro nada, Carolina. *(Carolina não lhe responde ; sahem ambos pelo fundo.)*

SCENA IX.

CAROLINA E JOÃO.

CAROLINA.

(A' parte.) Que embrulhada de mentiras e falsidades !

JOÃO.

(*Olhando para as suas botas.*) Não valia a pena de as estar engraxando com tanto esmero. (*Vai á mesa, e começa a arruma-la.*)

CAROLINA.

(*A si mesmo.*) Isto é viver n'uma incerteza horrivel! Talvez, perguntando a João, possa saber alguma cousa. (*Chamando.*) João?

JOÃO.

(*Avançando.*) Aqui estou.

CAROLINA.

(*A' parte.*) Estou louca! queria consultar um criado!

JOÃO.

(*Diante de Carolina.*) Aqui estou.

CAROLINA.

(*A' parte.*) Pois Amalia, uma amiga da infancia...

JOÃO.

Aqui estou.

CAROLINA.

(*Com impaciencia.*) Vai-te embora.

JOÃO.

(*A' parte.*) Foi para isso que me chamou? fico-lhe obrigado. (*Vai para sair.*) Ah! aqui está a Sra. D. Amalia. (*Amalia apparece.*)

AMALIA.

(*Com coquetismo.*) Onde está ella? (*Entra.*)

JOÃO.

(*Querendo annunciar.*) A Sra. D...

CAROLINA.

Deixa-nos.

AMALIA.

(*Abraçando Carolina.*) Minha querida amiga!

JOÃO.

(*A parte.*) Não vale a pena terem um criado. (*Retirando-se.*) Que diabo de casa! (*Sabe.*)

SCENA X.

CAROLINA E AMALIA.

AMALIA.

(*Tendo na mão um ramalhete de rosas.*) Ha um seculo que te não via!

CAROLINA.

Que queres tu? bom tempo era aquelle emque viviamos juntas; mas hoje estou casada, tenho um marido.

AMALIA.

E eu tenho um processo. O Sr. Pedro da Serra não está cá?

CAROLINA.

Bem vês que não.

AMALIA.

Está bom.

CAROLINA.

(*Com um tom singular.*) Que ramalhete tão bonito que tu trazes!

AMALIA.

Acabo de o comprar mesmo á tua porta.

CAROLINA.

(*Com um tom incredulo.*) Ah! compraste-o?

AMALIA.

Mas que tens tu? pareces-me triste, preocupada... confia-me as tuas magoas.

CAROLINA.

(*Vivamente.*) Eu não tenho magoas.

AMALIA.

Tanto melhor : ás vezes um marido faz-nos ralar.

CAROLINA.

(*Vivamente, apoiando-se.*) Tens razão; mas meu marido é um homem encantador, muito attencioso, que me trata muito bem, e que mesmo hoje me deu um chale de cachemira magnifico.

AMALIA.

Ah!...

CAROLINA.

(*A parte.*) Parece-me que não gostou muito de me ouvir dizer isto. (*Apoiando-se, e alto.*) Um chale que não custou menos de nove moedas. Oh! Pedro é muito meu amigo.

AMALIA.

(*Sorrindo-se.*) Com que então és feliz? (*Abraçando-a.*) Querida amiga!

CAROLINA.

(*A parte.*) Está furiosa.

AMALIA.

Tenho pena que teu marido não esteja cá: queria fallar-lhe a respeito....

CAROLINA.

Do teu processo? pois bem, eu vou chamar meu primo Jorge da Silva. (*Levanta-se.*)

AMALIA.

Não, não vale a pena, eu voltarei.

CAROLINA.

Quando meu marido cá estiver, não é verdade?

AMALIA.

Como tu me disseste isto!

CAROLINA.

Ora ouve, Amalia: porque te não tornas tu a casar?

AMALIA.

Porque não quero.

CAROLINA.

Mas viuva é uma posição falsa, tu não podes ficar eternamente nesse estado.

AMALIA.

Mas é um estado livre.

CAROLINA.

Tu acabarás por amar alguém.

AMALIA.

Até já comecei.

CAROLINA

E dizes-me que não te tornas a casar ?

AMALIA.

Não, porque não posso esposar aquelle que amo.

CAROLINA.

Então porque ?

AMALIA.

Por causa de grandes considerações politicas.

CAROLINA.

(*A parte.*) Está zombando comigo. (*Alto.*) Aposto que sei quem é ?

AMALIA.

Não sabes, não.

CAROLINA.

Esse amante mysterioso não está longe daqui ?

AMALIA.

E' verdade.

CAROLINA.

E está aqui.

AMALIA.

Tambem é verdade.

CAROLINA.

(*Com uma voz sumida.*) Queres que o nomeie ?

AMALIA.

Pois nomeia !

CAROLINA.

Pois tu queres ?

AMALIA.

Tanto quero, que sou eu a propria que te digo o seu nome : e Jorge da Silva.

CAROLINA.

E' verdade, e elle tambem te ama.

AMALIA.

Bem sei.

CAROLINA.

Então porque não podes casar com elle ? tu és livre, elle é livre.

AMALIA.

Elle é livre ? como te enganas ! pois não o é : bem depressa te contarei....

CAROLINA.

(*Assustada.*) Não é necessario.

AMALIA.

O que ?

CAROLINA.

Vais esta noite a S. Carlos ?

AMALIA.

Não.

CAROLINA.

Mas Pinto Cravo disse-me.

AMALIA.

Fazia tenção de ir, mas já não vou. (*Vai ao espelho arranjar o chale.*)

CAROLINA.

(*A' parte.*) E' porque sabe que meu marido me quer levar ao theatro, e por isso já não quer ir.

AMALIA.

(*Diante do espelho.*) Minha boa Carolina, deixo-te, porque o meu advogado não está em casa.

CAROLINA.

Quando quizeres, podes voltar : esta casa é tua.

AMALIA.

Até logo; recommenda-me a teu marido, e que se não esqueça de mim. (*Sahe pelo fundo depois de ter abraçado Carolina.*)

SCENA XI.

CAROLINA só e depois JOÃO, e em seguida JORGE DA SILVA.

CAROLINA.

Como eu sou desgraçada !.... Estive quasi a trahir-me... lão-me faltando as forças.... tudo se conspira para me provar a sua traição... As inventadas mentiras de Pedro, as invenções de Amalia para não querer casar com Jorge...tudo.... tudo.... (*João apparece no fundo.*)

JOÃO.

(*A' parte.*) O Sr. Jorge encarregou-me de ver se a senhora estava só... Bonito!... já cá não está ninguem... elle já pôde vir. (*Faz um signal para fóra, e Jorge apparece.*)

JORGE.

(*Baixa, a João.*) Obrigado.

CAROLINA.

Ah ! é Jorge : inda bem.... (*A João.*) Vai-te.

JOÃO.

(*A' parte.*) Esta mulher tem medo de fallar diante de mim. (*Sahida falsa ; torna a entrar a buscar a gravata de Pedro que está em cima de uma cadeira.*)

JORGE.

Minha prima, eu vinha....

CAROLINA.

(*Que viu João.*) Então fazes o favor de nos deixar ?

JOÃO.

Mas, minha senhora, eu vinha aqui buscar a gravata do patrão para não se sujar de poeira, e não ouvir ralhár. (*Sabe.*)

JORGE.

Fallastes com Amalia, senhora ?

CAROLINA.

Deixai-me, senhor !

JORGE.

O que ?

CAROLINA.

Deixai-me, senhor !

JORGE.

Não a entendo !

CAROLINA.

Com que então amavas Amalia ?

JORGE.

E ainda a amo como nunca amei mulher nenhuma.

CAROLINA.

E' falso.

RF 1281-505-11

92732-1250-7R

JORGE.

Não é falso, eu vol-o juro.... amo-a muito.... Oh ! meu Deos ! eu perco a cabeça !

CAROLINA.

E eu digo-vos que Amalia não vos ama.

JORGE.

Pois ella disse-vos ?

CAROLINA.

(*Fóra de si.*) Não, não sei.

JORGE.

Se não vol-o disse, sou o mais feliz dos homens.

CAROLINA.

Tenho dó de vós.... Pois póde ser tão grande a vossa cegueira que nada entendeis !.... Amalia diz que vos ama, mas é para occultar o amor que tem a outro.

JORGE.

Enganais-vos de certo, minha prima !

CAROLINA.

(*Muito agitada.*) Com que então engano-me ? Mas o que é certo foi ella dizer-me que nunca seria vossa mulher.... e sabeis a causa ?

JORGE.

Ignoro.... dissei-me a causa.

CAROLINA.

(*Chorando.*) A causa... é porque ella ama Pedro, meu marido, vosso primo.

JORGE.

O que estais dizendo?... pois acreditastes ?

CAROLINA.

Acreditei.... tenho provas irrecusaveis.

MARIDO APOQUENTADO.



92732-1950-AR

RF 121-182

JORGE.

Então que provas são essas ?

CAROLINA.

Tenho-as, tenho-as, e o coração da mulher nunca se engana.

JORGE.

Pedro !.... pois elle !.... elle !.... pois poderá ser ?.... sim... agora me lembro ! Recusou servir-me, não quiz fallar por mim a Amalia.... a sua impaciencia quando lhe fallava no meu amor.... o seu embaraço diante de vós.... Ah ! agora me lembro.... agora acredito tambem.... mas isto é horrivel !

CAROLINA

Coragem, Jorge ! eu tambem a tenho.

JORGE.

Pobre prima !.... lamento-vos do fundo d'alma. (*Abracando-a.*) Tanta mocidade !... tanta belleza (*Abracando-a.*) sacrificada a este monstro ! (*Abracando-a.*) Nós nos vingaremos.... Enquanto ao processo de Amalia.... vou já remettêl-o para casa de Pinto Cravo.

CAROLINA.

(*Baixo.*) Cale-se, que ahi vem meu marido.... (*Pedro apparece.*)

SCENA XII.

PEDRO, CAROLINA E JORGE.

PEDRO.

Sou eu.

JORGE.

Estou com vontade de o esganar !

PEDRO.

Boa tarde, cara amiga.

CAROLINA.

Boa tarde, meu senhor.

PEDRO.

(*Rindo.*) Que tratamento. (*A Jorge.*) Dar-se-ha caso que tu faças a côrte a minha mulher?

JORGE.

Eu não sou nenhum libertino, nenhum debochado, nenhum D. João Tenório.!

PEDRO.

Eu disse isto por brincadeira....

JORGE.

Mas eu é que não gosto dessas brincadeiras.... (*A' parte.*) Tu m'as pagarás.... (*Sabe.*)

PEDRO.

(*A' parte.*) Aqui houve cousa : minha mulher trata-me por senhor !.... meu primo diz-me que não é nenhum D. João Tenório !.... vamos a explorar. (*Alto.*) Não veio ninguém procurar-me?

CAROLINA.

(*Seccamente.*) Não sei.

PEDRO.

(*A' parte.*) Então veio alguém.... (*Alto.*) Lá mandei pôr o chale no teu quarto.

CAROLINA.

Ah ! (*Tomando o seu ar serio.*)

PEDRO.

Tambem te trago flôres.

CAROLINA.

Flôres?

PEDRO.

E' verdade : as mais bonitas que achei. (*Apresenta-lhe flôres.*)

CAROLINA.

(*Olhando para o marido.*) Amalia sakiu daqui ha bocacadinho.

PEDRO.

(*Atrapalhado sem saber porque.*) Como está ella? (*A' parte.*) E Jesus! o que eu fui perguntar!...

CAROLINA.

E trazia um ramalhete semelhante a este.

PEDRO.

Sim?... ora essa!...

CAROLINA.

E fostes vós sem duvida que lh'o déstes, e para acalmar as minhas suspeitas trazeis-me um igual.

PEDRO.

(*A' parte.*) Decididamente vou daqui para o hospital de Rilhafoles!

CAROLINA.

Com que então adivinhei?

PEDRO.

Deixa-te disso; para que havia eu dar flores a Ama... á D. Amalia... sim, para que lh'as havia eu dar? ella nunca me deu nada...

CAROLINA.

Mas o que eu sei é que as flores erão iguaes a estas.

PEDRO.

Os ciumes tirão-te a luz dos olhos; ora dize-me uma cousa: que culpa tenho eu que ella comprasse flores? tambem eu as comprei, tivemos ambos o mesmo pensamento, não ha lei alguma que prohiba o comprar flores.

CAROLINA.

Deixe-me...

PEDRO.

Minha filha, não fallemos mais nisso; fallemos em thea-

tros: sabes que te disse esta manhã que queria ir a S. Carlos; mas agora...

CAROLINA.

Agora o que?...

PEDRO.

Já não tenho vontade de ir.

CAROLINA.

(*Exclamando.*) A cousa é clara, tu já lá não queres ir porque Amalia já lá não vai.

PEDRO.

Não é isso, minha filha.

CAROLINA.

E, sim, senhor! não me diga nada! Amalia fica esta noite em casa, e o senhor provavelmente ha de ter alguns negocios para sahir...

PEDRO.

Como te enganas! A prova é que fico esta noite em casa sempre a teu lado.

CAROLINA.

(*Admirada.*) Ficas?

PEDRO.

Fico.

CAROLINA.

(*Contente.*) Ainda bem!

PEDRO.

Primeiro havemos de jantar ambos juntos; depois de jantar tocarás um becado de piano, enquanto eu leio um jornal.

CAROLINA.

Com que então ficas toda a noite em casa a meu lado?

PEDRO.

E não te deixarei senão amanhã.

CAROLINA.

Dá-me um abraço !

PEDRO.

Dous, se quizeres. (*Abraçando-a.*) Não mereces um abraço destes com tanta ternura, minha maganazinha : tu, que fazes ralar tanto o teu Pedrinho da Serra.

CAROLINA.

Tu é que tens a culpa.

PEDRO.

Sim, eu é que sou... mas deixemo-nos disso.

SCENA XIII.

OS MESMOS, JOÃO E AMALIA.

AMALIA.

(*Fóra.*) Cá vou entrando.

CAROLINA.

(*Levantando-se muito depressa.*) E' ella, senhor, é Amalia.

PEDRO.

(*Atrapalhado*) Que tenho... que tenho eu com isso ?

JOÃO.

(*Annunciando.*) A Sra D...

AMALIA.

(*Entrando.*) E' escusado.

JOÃO.

(*A parte.*) Está dito : nunca me deixão acabar ! (*Sabe.*)

AMALIA.

(*Com coquettismo, a Pedro.*) Até que vos encontrei,

senhor ! Temos muito que fallar, e por isso me convido a jantar comvosco. (*A Carolina.*) Consentes ?

CAROLINA.

Isso pergunta-se ?

PEDRO.

(*A' parte.*) Ai... ai... ai...

CAROLINA.

(*A' parte.*) Aqui está porque elle queria ficar em casa...

AMALIA.

(*Tirando o chapéo.*) Não os incommódo ? Havemos de passar uma noite muito divertida !

PEDRO.

(*Para ella.*) Não esperavamos esta ventura.

CAROLINA.

(*Para elle.*) Não esperavamos... eim ?

PEDRO.

Eu esperava lá !

AMALIA.

Ainda não vos perguntei uma cousa : não têm que sahir ?

PEDRO.

Nós...

CAROLINA.

(*Com intenção.*) Não sahimos, não : meu marido quiz por força passar esta noite em casa.

PEDRO.

Com muito gosto.

CAROLINA.

(*Olhando para o marido.*) E' verdade... com muito gosto.

PEDRO.

(*A' parte.*) Isto ha de acabar bem ! (*Amalia vai tirar do seu dispensavel uma obra de bordado.*)

AMALIA.

Trouxe isto para me entreter enquanto conversamos ; vou eu tratar de acabar este bordado. Onde costumás comprar lã ?

CAROLINA.

Na loja do Ramalho, rua dos Retrozeiros n. 101.

AMALIA.

Hei de lá ir amanhã comprar umas poucas, e de caminho tenho de ir a um certo sitio ás dez horas.

CAROLINA.

(*A' parte.*) A's dez horas?

PEDRO.

(*A' parte.*) Se por minha desgraça tiver que sahir á mesma hora, estou perdido.

CAROLINA.

(*A seu marido.*) Que estás tu a pensar ?

PEDRO.

Eu sei cá ? Em cousa nenhuma.

CAROLINA.

Pois tu não sabes ?

PEDRO.

(*A' parte.*) Tenho a camisa pegada ao corpo ! (*Vai para ao pé da mesa.*) Que tormento !

AMALIA.

(*Olhando para elles ambos.*) Tenho um remorso.

CAROLINA.

Um remorso ? !

AMALIA.

E bem grande.

CAROLINA.

Então que é ?

AMALIA.

É porque talvez quizessem passar a noite sós, e eu os viesse estorvar.

CAROLINA.

Que estás dizendo!

PEDRO.

(*A' parte.*) Se ella se fosse embora, fazia-me um grande obsequio. (*Alto.*) Com a Sra. D. Amalia não se usa ceremonias. (*Abruçã Carolina.*) A prova aqui está.

AMALIA.

(*Puxando por um fio de lã.*) Que lã tão má!

PEDRO.

(*A' parte.*) Minha mulher está mais socegada. (*Alto.*) Carolina, tu ainda não mostraste o teu chale á tua amiga Amalia.

AMALIA.

Ainda não: e bonito?

PEDRO.

Muito bonito! quer vê-lo?

AMALIA.

Se quero!

PEDRO.

(*Com bonitas maneiras.*) Vamos nós conversar sobre modas, bailes, theatros, etc. (*A' parte.*) Tive uma excellente idéa. (*Alto.*) Vai buscar o teu chale. (*A' parte, perturbando-se pelo olhar de Carolina.*) Eu disse alguma asneira...

CAROLINA.

(*Com intenção.*) O chale está no meu quarto, não é verdade?

PEDRO.

(*A' parte.*) Agora percebo. (*Alto.*) Não te incomodes, que eu lá o vou buscar!

CAROLINA.

Tambem não quero que te incomodes.

PEDRO.

Então chamo João. (*Toca.*)

AMALIA.

(*Rindo.*) Minha amiga, o teu quarto fica no fim do mundo!

CAROLINA.

Faze-me o favor de fazer pouca balha com a campainha, que me dóe a cabeça.

JOÃO.

(*Entrando.*) Aqui estou.

CAROLINA.

Vai-te embora.

JOÃO.

Então a senhora não chamou? (*A parte.*) Esta gente quer dar-me cabo das pernas: isto assim não vai bem. (*Sale; Carolina dirige-se para a esquerda.*)

PEDRO.

Onde vais?

CAROLINA.

(*Baixo.*) Buscar o meu chale; mas não me demoro nada. (*Entra pela esquerda.*)

SCENA XIV.

PEDRO, AMALIA, sentada, e depois CAROLINA.

PEDRO.

(*A parte.*) Que entalção em que estou! (*Amalia faz um movimento.*) Deos queira que te não tires dessa posição, que eu por mim não arredo passo daqui. (*Neste mo-*

mento Amalia deixa cair um novello de lã, que rola até ao pé do palco.) Maldito novello! não tenho remedio se não ir apanha-lo (Faz um movimento para o apanhar, mas olha de repente para o quarto de Carolina e para Amalia levanta-se e vem apanha lo.)

AMALIA.

(Sorrindo-se.) Muito obrigado.

PEDRO.

Perdão: eu...

AMALIA.

Sr. Serra, acha estas flores bonitas?

PEDRO.

(Afastando-se e olhando para todos os lados.) Se acho! São de um gosto exquisito.

AMALIA.

(Dando um passo para elle.) Ah! lá se me quebrou a fita do sapato! ata-m'a.

PEDRO.

(A parte.) Desta é que eu não escapo! *(Alto, abaixando-se com muito medo.)* Pois não.

AMALIA.

Ai! elle que aperta muito! Está bom, está prompto.

PEDRO.

(A parte.) Se minha mulher me viu, estou perdido.

AMALIA.

(Junto ao piano, e Pedro fugindo logo.) Ah! Carolina tem cá o duetto da Barcarola?

PEDRO.

Ahi está.

AMALIA.

Se me fizesse o favor de voltar as folhas emquanto loco...

PEDRO.

Quem? Eu não entendo musica.

AMALIA.

(*Cantando.*) «O' tu que as almas feres, etc.» E' tão bonita esta musica!

CAROLINA.

(*Ironicamente.*) Nem por isso. (*Vai para Pedro que está junto do fogão a aquentar-se.*) Meu amigo, se estás com frio, manda acender o lume.

PEDRO.

(*Perturbado.*) Não, não é preciso... tem sufficiente... (*Vendo que o fogão está apagado. A' parte.*) Bom! eu já não sei o que digo, nem o que faço.

CAROLINA.

(*Baixo com ironia.*) Estão muito afastados um do outro: isso não parece bem.

PEDRO.

(*Atrapalhado.*) Mas ouve que...

CAROLINA.

(*Mostrando-lhe o ramalhete que está no chão.*) Que quer dizer este ramalhete que está a seus pés?

PEDRO.

Um ramalhete?!

CAROLINA.

(*Baixo.*) Sem duvida tiverão algumas zangas, e vós o arrancastes e o pizastes aos pés.

PEDRO.

Ah! isto é muito! (*Amalia, que se conservava tocando, volta-se espavorida.*) Quero acabar com isto por uma vez!

AMALIA.

(*Approximando-lhe-se.*) Que significa isto?

PEDRO.

(Gritando) Significa...

CAROLINA.

(Baixo.) Senhor...

PEDRO.

(Gritando mais) Deixe-me, senhora! deixe-me!

AMALIA.

Expliquem-me.

PEDRO.

(O mesmo.) Quer dizer que minha mulher está persuadida que eu faço a corte á senhora; que a amo, que a senhora me corresponde, e que a todas as horas estou a seus pés, ou que a senhora está aos meus; que a senhora engana a sua amiga por minha causa, e que eu engano minha mulher por causa da senhora; que eu não fui ao theatro por sua causa, que lhe dei ramalhetes de flores e não sei que mais.

AMALIA.

Pois tu, Carolina, acreditaste?!

CAROLINA.

Um tal escandalo!... Ah! isto é horrivel!

PEDRO.

Assim o quizestes...perseguiestes-me... não tive remedio senão fazer barricadas.

SCENA XV.

OS MESMOS, PINTO, E JORGE, *que traz uns papeis na mão.*

PINTO.

(Vendo Pedro encostado a uma cadeira.) Que é isso? aconteceu-te alguma coisa? *(Desce.)*

AMALIA.

(*Rindo a meia voz.*) Não me pôde esquecer!... Eu, que nem sequer suspeitava cousa alguma!

PEDRO.

Ainda mais, minha senhora: meu primo Jorge chamou-me um seductor, um scelerado, um D. João Tenorio! (*Jorge entra pelo fundo á direita.*)

CAROLINA.

E meu primo tambem tinha ciumes vossos, e me asseverou que meu marido vos fazia a corte.

JORGE.

Pois eu disse isso?

CAROLINA.

E que entregaria a outro o vosso processo; eil-o aqui.

PINTO.

E é verdade: mostra os papeis que traz.

AMALIA.

Com que então foi vosso primo que teve a culpa de tudo isto?

JORGE.

Não, senhora, não fui eu. De tudo isto foi minha prima que teve a culpa.

CAROLINA.

Não sou eu, é meu marido.

PEDRO.

Tambem não sou eu, é o Pinto Cravo.

PINTO.

E' o diabo!

PEDRO.

Sim, o diabo que entrou em minha casa, e que me fazia muito obsequio, se soubesse. Vou-me embora daqui para nunca mais cá voltar: já não posso!

AMALIA.

Attenda.

PEDRO.

Deixe-me, senhora! deixem-me todos! não quero viver mais neste inferno! *(Bate um murro na mesa.)*

PINTO.

Meu amigo!

JORGE.

Meu primo!

PEDRO.

Não quero saber mais nem de amigo, nem de escrevente, nem de primo, nem de mulher! *(Sabe zangado, e Pinto atraz delle apaziguando-o.)*

SCENA XVI.

JORGE, AMALIA E CAROLINA. *Carolina calta na cadeira á direita chorando; Jorge está no segundo plano á esquerda, e Amalia está no meio.*

JORGE.

(Supplicando.) Senhora!

AMALIA.

(Com severidade forçada.) Nunca, senhor! nunca! Ide arranjar esses papeis para m'os entregar: não preciso nem de vós, nem de Pinto Cravo!

JORGE.

(Zangado.) Pois bem. *(Vai á mesa arranjar os papeis, e Amalia volta para junto de Carolina.)*

CAROLINA.

Então que queres? Soa coisa. . sou. . não está mais na minha mão...

AMALIA.

(*Sorrindo.*) Mas nunca devias ter ciumes de mim...

CAROLINA.

Acredito-te; mas porque tratas Jorge com tanta severidade, se tu o amas?

AMALIA.

Amo-o, é verdade; e para destruir os teus ciumes... de todo, lê isto e saberás agora a razão por que o trate assim.
(*Dá-lhe uma carta.*)

CAROLINA.

(*Lendo.*) « Querida amiga; pedes-me informações sobre Jorge da Silva; elle habitou alguns annos nesta cidade; estou bem certo que em sabendo renunciarás depressa aos teus projectos de casamento; quando souberes que Jorge tinha uma mulher que muito amava, e que ainda hoje ama, pois ella o espera a todos os instantes. »

AMALIA.

(*Tirando-lhe a carta.*) Comprehendes agora?

JORGE.

(*A' parte.*) Isto é horroroso! E eu que esperava...

CAROLINA.

(*Confusa.*) Ah! querida amiga! perdôa-me as suspeitas que de ti tenho feito! Mas tu ainda o amas, não é verdade?

AMALIA.

(*Baixo.*) Amo, sim.

JORGE.

(*A' parte com tristeza.*) Eu acabarei com isto.

AMALIA.

Sim, eu amo; mas ha outra que o amava primeiro que eu. A minha amiga não me tem escripto; ainda não recebi outra carta além desta. Agora é preciso que teu mando te perdôe.

CAROLINA.

E se me não perdoar ?

AMALIA.

Ha de perdoar, ha de ; mas fique-te de enxada... olha que não é muito bom apoquentar os maridos.

CAROLINA.

Sim.

AMALIA.

Voltaire disse : « Se queres guardar teu marido, tem primeiro confiança nelle. »

CAROLINA.

De hoje em diaute vai tudo mudar.

AMALIA.

Pois sim ; mas toma conta para o futuro do que disse Voltaire. (*A Jorge.*) Dai-me esses papeis.

JORGE.

Já vou acabar de os arranjar.

AMALIA.

Dai-m'os depressa, que os quero levar agora.

JORGE.

Eu os levarei á vossa casa.

AMALIA.

Não, senhor, prohibo-o.

JORGE.

Senhora !...

AMALIA.

Tudo está acabado! (*A parte.*) Estou com dó delle. (*A Carolina.*) Agora, adeos. Quando teu marido chegar, deixa-o gritar, não respondas nada : elle se calará.

CAROLINA.

E que mais ?

AMALIA.

Doçura, muita doçura; confiança mesmo, se é possível.

CAROLINA.

Fica descansada.

AMALIA.

Até ao jantar. (*Rindo.*) Nunca mais comprarei ramalhetes de flores.

CAROLINA.

Má! (*Abraça-se, e Amalia arreda-se, porque Jorge está na sua passagem.*)

JORGE.

Senhora, peço-vos que me perdoeis.

AMALIA.

Nunca, senhor! nunca! Tudo está acabado entre nós! (*A' parte.*) Pobre rapaz! (*Sahe pelo fundo.*)

SCENA XVII.

JORGE E CAROLINA.

JORGE.

Tudo está acabado, disse ella! Pois bem, tudo acabará! (*Atira com os papeis para cima da mesa.*)

CAROLINA.

Jorge!...

JORGE.

Minha prima, eu sou o mais desgraçado dos homens por vossa causa!

CAROLINA.

E' verdade.

JORGE.

Mas eu vos perdoo. Adeos. (*Vai para sahir.*)

CAROLINA.

Onde ides?

JORGE.

Vou-me deitar dos Arcos abaixo. Ah! já me não lembrava que estão fechados! Suspendêrão as garantias para os homens se não matarem... Não importa: irei matar-me á porta da casa de Amalia!

CAROLINA.

(*A' parte.*) Devo reparar o mal que fiz. (*Alto.*) Jorge?

JORGE.

Perdão... estou com muita pressa... quero morrer já!

CAROLINA.

Escutai-me primeiro: assim o quero. Eu estou esperando por meu marido... e por isso não vos posso agora dizer nada; mas daqui a dez minutos esperai por mim no jardim.

JORGE.

Mas...

CAROLINA.

Amalia ama-vos.

JORGE.

Céos! será possível?

CAROLINA.

Eu vo-lo juro; mas sahi depressa... logo vos explicarei tudo.

JORGE.

Ella ama-me!... Ah! minha prima! obrigado! obrigado! déstes-me a vida! (*Beija-lhe a mão e sahe pela esquerda. Pedro, trazendo o chapéo a bande, entra pela esquerda no momento em que Jorge desapparece. Pedro o vê, olha para sua mulher, e está um instante sem fallar.*)

SCENA XVIII.

PEDRO E CAROLINA.

PEDRO.

(*A' parte.*) Estou decidido a fazer o mesmo que alguns deputados fazem na camara... não dou palavra.

CAROLINA.

(*A' parte.*) Cuidado com a recommendação de Amalia!

PEDRO.

(*Diante de Carolína, e muito alto.*) Minha senhora...

CAROLINA.

Meu querido!

PEDRO.

(*A' parte.*) Olá!... (*Alto.*) Venho prevenir-vos que de hoje por diante está despedaçada a cadeia... em que eu estava envolvido... quero ser livre, e fazer o que eu quizer.

CAROLINA.

Sim, meu querido.

PEDRO.

(*A' parte.*) Toma! (*Alto.*) Quero ter clientes moças.

CAROLINA.

Sim, meu querido.

PEDRO.

E bonitas.

CAROLINA.

(*O mesmo.*) Sim, meu querido.

PEDRO.

(*A' parte.*) Isto vai bem! (*Alto.*) Quero sair todos os dias vestido como eu quizer.

CAROLINA.

Sim, meu querido.

PEDRO.

Quero trazer luneta.

CAROLINA.

Sim, meu querido.

PEDRO.

Quero ir aos bailes vestido elegantemente; quero dançar, quero cumprimentar todas as senhoras, quero fallar com ellas.

CAROLINA.

(Hesitando.) Sim, meu querido.

PEDRO.

Quero fazer-lhes a côrte.

CAROLINA.

(Hesitando mais.) Sim, meu querido.

PEDRO.

(A' parte.) Que diabo terá minha mulher? *(Alto.)* Hei de beijar-lhes as mãos, se a occasião o permitir.

CAROLINA.

(Occultando as lagrimas.) Sim, meu querido.

PEDRO.

Emfim, quero...

CAROLINA.

(Esquecendo-se.) O que?

PEDRO.

(A' parte.) Já a mim me admirava...

CAROLINA.

Sim, meu querido.

PEDRO.

(Com inquietação.) Tu estás doente, mulher?

CAROLINA.

Não : porque ?

PEDRO.

Estou-te desconhecendo... tanta liberdade para mim !

CAROLINA.

(*Contendo-se.*) Sim, meu querido : reconheci que os meus ciumes são injustos... e demais um homem deve ser livre... nunca mais te apoquentarei : veste-te como fôr do teu gosto, que eu já não tenho ciumes.

PEDRO.

Não ?...

CAROLINA.

Não... Talvez queiras sahir : pois sahe, anda, vai-te.

PEDRO.

Mas...

CAROLINA.

Talvez queiras ir dar algum passeio... isso faz-te bem, anda, vai.

PEDRO.

Não quero sahir.

CAROLINA.

E' talvez por minha causa que não sahes... pois não te incomodes, que eu fico bordando : vai passeiar, anda, vai.

PEDRO.

(*A' parte.*) Bom ! agora quer que eu passeie.

CAROLINA.

(*Empurrando-o.*) Vai, vai...

PEDRO.

Mas se eu não quero sahir...

CAROLINA.

Ah ! queres ficar ?... pois fica : desejas talvez estar só... pois eu me retiro.

PEDRO.

Não.

CAROLINA.

Pois eu te deixo... adeos... adeos... (*A' parte.*) Custou-me a ver livre delle! agora vamos ter com Jorge. (*Sahe pelo fundo á esquerda, fazendo um signal de adeos a Pedro, que olha para ella muito admirado.*)

SCENA XIX.

PEDRO, só; depois PINTO.

PEDRO.

(*Pensando.*) Mas isto não é natural... aqui ha cousa... Minha mulher mudou tão depressa... esta resignação... aquellas palavras continuas: «sim, meu querido...» Agora é que eu não entendo... para mim é melhor... mas esta mudança (*Pensando.*) faz-me scismar... Se houvesse alguém que me explicasse esta charada, dava-lhe metade da minha fortuna. (*Lembrando-se.*) Sim, meu querido... sim, meu querido...

PINTO.

(*Entrando.*) Ah! está aqui! já fizestes as pazes com tua mulher?

PEDRO.

(*Pensando.*) Sim, meu querido... Ah! és tu!...

PINTO.

Ainda bem!... Agora aqui para nós, que ninguem nos ouve... Aquillo de ser ciosa tua mulher, não é defeito.

PEDRO.

Pois sim.

PINTO.

Não te perdôa nada, porque ninguem tem nada que lhe dizer, não é verdade!...

PEDRO.

(*Um pouco perturbado.*) Oh! se tivesse... eu então também a ensinaria... se tivesse alguma cousa que eu tivesse de perdoar... eu lhe mostraria...

PINTO.

Quem sabe...

PEDRO.

(*Inquieto.*) Quem sabe o que?...

PINTO.

Eu não me fio em mulheres muito ciumentas : é verdade que dizem que não ha regra sem...

PEDRO.

(*Vivamente.*) Sem excepção.

PINTO.

Mas eu nas mulheres não acredito nessa regra.

PEDRO.

Então queres dizer...

PINTO.

Quero dizer que, se eu fosse casado, a mulher que me apoquentasse com ciumes havia suspeitar della.

PEDRO.

(*Inquieto.*) O que?

PINTO.

Digo-te que toda a mulher que é muito ciosa... tem culpas! Apoquenta o marido para elle a deixar socegada, e não ter nada que lhe dizer.

PEDRO.

Estás dizendo uma corja de asneiras!

PINTO.

Ha cem exemplos... Queres tu ouvir uma cousa que aconteeceu?....

PEDRO.

Já a mim me admirava que tu não viesses com alguma historia das tuas...

PINTO.

Mas ouve o que aconteceu a Paulo: sua mulher era tal e qual a tua... ciosa até ao ultimo ponto! apoquentava-o de uma maneira...

PEDRO.

(*Muito inquieto.*) Como Carolina a mim?

PINTO.

E' verdade! Paulo, um dia, aborrecido, declarou-lhe que queria por força ser livre... e como ella era culpada... não teve remedio senão calar-se e responder-lhe a tudo.

PEDRO.

(*Ferido de uma idéa.*) Sim, meu querido?

PINTO.

Parece-me que era isso que ella lhe respondia sempre.

PEDRO.

(*Passeando agitado.*) Sim, meu querido?

PINTO.

Ainda ha outra peor...

PEDRO.

Deixa-me, homem!... deixa-me!...

PINTO.

O que aconteceu a Camillo.... esse então era apoquentado pela mulher para sahir... até o chegava a empurrar dizendo-lhe: «vai passear, meu queridinho, que isso faz-te bem...» e até o chegava a empurrar.

PEDRO.

(*A' parte, muito inquieto.*) Tal e qual como Carolina.

PINTO.

E' muitos mais casos...

PEDRO.

Calá-te pelo amor de Deos !... (*Encontrando-se perto de janella e dando um grito.*) Ah ! ah !

PINTO.

Que é isso ?

PEDRO.

(*A parte.*) Lá em baixo, atraz daquella arvore... Jorge e minha mulher... agora entendo ! (*Chorando.*) Sou trahido ! estou com ciumes !

PINTO.

(*Admirado.*) Pedro !

PEDRO.

(*Recordando-se.*) Agora percebo, agora entendo tudo... a resignação de Carolina... os seus ciumes... erão para adormecer os meus.

PINTO.

(*A parte.*) Está doudo !

PEDRO.

(*O mesmo.*) Isto é horrivel !... espantoso !... Jorge ama minha mulher, e por isso me pedia que fallasse a Amalia, que nunca amou, para occultar o seu amor por minha mulher : por isso Carolina me apoqueitava dizendo-me que eu amava Amalia; mas era para occultar o seu amor por Jorge. Está claro: Jorge ama minha mulher... está claro de mais... (*Cake n'uma cadeira.*)

SCENA XX.

OS MESMOS, CAROLINA, JORGE, AMALIA e depois João.

PINTO.

(*Baixo a Carolina.*) Não sei o que tem seu marido... parece-me que não está bom...

CAROLINA.

Não ha de ser nada. (*Descem.*)

JORGE.

(*A Amalia.*) Esta segunda carta deve destruir os vossos escrúpulos, senhora, e podeis perdoar-me. (*Amalia estende-lhe a mão.*)

PEDRO.

(*Para Jorge, que tem uma flor na mão.*) Quem lhe deu essa flor?

JORGE.

E' a oliveira da paz. (*Beijando a mão de Amalia.*)

PEDRO.

Isso não é verdade... (*A Carolina.*) Senhora... (*A Jorge, que esconde uma cousa debaixo de um livro.*) Que está o senhor ahí escondendo? (*Vai para agarrar na carta, mas Carolina tira-lh'a.*) Dê-me essa carta, senhora!

CAROLINA.

Esta carta não é minha, pertence a Amalia, que a recebeu neste instante.

PEDRO.

Mente. (*Lendo.*) « Minha querida amiga, podes casar com Jorge; a sua amante está casada. » (*1' parte.*) Que asneiras que eu tenho feito!

CAROLINA.

Meu amigo, comprehendes agora tudo, e que os crimes...

PEDRO.

E' a cousa mais triste e mais vergonhosa que ha no mundo... foi uma lição... Nós, que nascemos um para o outro, haviamos de nos enganar!... Era impossivel... tão impossivel como o Rocio no Bitesga.

CAROLINA.

Querido esposo! (*Abreção-se.*)

PEDRO.

Que felicidade !

JORGE.

Querida Amalia !

AMALIA.

Meu esposo !

PEDRO.

(*Toca a campainha insensivelmente.*) Agora vamos todos jantar, e depois vamos a D. Maria vêr a segunda parte do *Duende*.

PINTO.

A proposito de *Duende*... vou contar-lhes um caso que aconteceu na Belgica...

PEDRO.

Contarás isso á mesa quando nós tivermos sahido.

JOÃO.

(*Entrando.*) Quer alguma cousa ?

PEDRO.

Não.

JOÃO.

Muito obrigado. (*Sahc.*)

CAROLINA.

Em que estás tu pensando ?

PEDRO.

Nem eu sei.

CAROLINA.

E' o mesmo.

PEDRO.

Com que então os ciumes....

CAROLINA.

Acabárão... Dá um abraço !...

PEDRO.

Com muito gosto! (*Abraço-se. Pedro diz-lhe um segredo.*)

CAROLINA.

(*Sorrindo-se.*) Pois sim.

FIM.